

MESA REDONDA 02: O pesquisador e a pesquisa em Musicoterapia no Brasil

O Desenvolvimento da Pesquisa em Musicoterapia no Brasil

Clara Márcia Piazzetta*

Muitos eventos nacionais e regionais de Musicoterapia têm abordado a temática da Pesquisa. Portanto, a realização deste VI Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia - VI ENPEMT, junto com o 12º Simpósio Brasileiro de Musicoterapia – 12ºSBMT, confirma que a Pesquisa em Musicoterapia no Brasil está em movimento. Pode-se afirmar também que se trata de um movimento crescente e acelerado e alguns aspectos dessa trajetória estão relatados no material bibliográfico produzido.

A partir da publicação da revista da UBAM e dos anais de eventos sua história está registrada (BARCELLOS, 2000; SANTOS, 2004); da mesma forma, tais publicações trazem reflexões sobre o perfil do pesquisador (PEDRA, 2001; CUNHA 2000); apresentam um levantamento estatístico sobre a realização de pesquisas no Brasil (PIAZZETTA, 2003) e na Europa (BARCELLOS, 2000; LAPOUJADE & LECOURT, 1996); apontam metas para médio prazo, sugere indicadores de avaliação de pesquisa, e algumas sugestões de políticas eficazes para o desenvolvimento da pesquisa como um aspecto essencial para o crescimento da Musicoterapia (SANTOS, 2004; Assembléia de Pesquisadores, 2004).

Diante disso, é possível refletir sobre a realidade da pesquisa em Musicoterapia no Brasil por alguns elementos essenciais já citados nestes escritos. Olhando para essa história destacamos: & - Opção do musicoterapeuta pela construção de uma carreira acadêmica – mestrados, doutorados, pós-doutorado e livre docência; & - Importância e estratégias de incentivo à pesquisa e divulgação de resultados; & - Aspectos culturais e organização política.

Com o início da Musicoterapia no Brasil no final da década de 1960 e início de 1970, os escritos publicados nos números da Revista da Associação de

Musicoterapia do Paraná, e os Boletins de Musicoterapia editados pela Associação Brasileira de Musicoterapia do Rio de Janeiro (atual Associação de Musicoterapia do Rio de Janeiro), na década de 1970, demonstram a preocupação dos precursores com o desenvolvimento e registro de estudos e pesquisas na área da terapêutica pela Música, e em áreas correlatas.

Os primeiros interesses brasileiros no campo da investigação da utilização da Música para a saúde, contudo, são muito anteriores e estão dentro deste campo da Terapêutica pela Música. A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro guarda Teses de conclusão do curso de Medicina na Bahia que citamos aqui:

- ü PINHO, Olegário Ludgero. *Considerações acerca da música e suas influências sobre o organismo* 21/11 Bahia.1845
- ü POLICARCO, Cesarino de Barros. *Proposições sobre a influência da Música na Medicina* 15/12 Bahia: 1845
- ü OLIVEIRA, Dr.Valdemar. *A Musicoterapia* 1924 (PIAZETTA, 2003)

Considerando o desenvolvimento de pesquisas a partir da década de 1960, um dos primeiros registros: *Uma investigação e respostas a um estímulo musical repetido com doentes mentais*, refere-se à pesquisa realizada por Di Pancaro (RS) em 1975 (PIAZETTA, 2003). Na década seguinte a Mt Clarice Moura Costa (RJ) desenvolve o, *Projeto de Pesquisa Interdisciplinar de Musicoterapia e Serviço Social 1985-1988*, registrado no banco de dados Plataforma Lattes CNPq. Em parceria com a Mt. Martha Negreiros (RJ) publica o artigo: *Musicoterapia - uma pesquisa sobre sua utilização para pacientes esquizofrênicos*, no *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro: v. 33, n. 3, p. 178-185, 1984. No Paraná, no período de 1970 encontramos os trabalhos da Profª Clotilde Leinig (PR) entre as precursoras da pesquisas em Musicoterapia no Brasil.

Na década de 1980 as Associações do Paraná e do Rio de Janeiro interrompem as publicações em função da falta de incentivos financeiros. Este fato é acompanhado das dificuldades de implantação e reconhecimento da Musicoterapia no Brasil. O tripé: formação / pesquisa / clínica, apontados por Gaston (1968) como essências para o desenvolvimento da área, estava em desequilíbrio. A busca e a

* Musicoterapeuta, graduada pela FAP-PR 1988, Especialista em Fundamentos da Música Popular Brasileira pela FAP-PR 2004, Mestre em Música pela UFG-GO 2006, pesquisadora do NEPAM- CNPq e musicoterapeuta clínica. clara.marcia@gmail.com

aceitabilidade do musicoterapeuta em programas de pós-graduações era muito pequena.

Na década de 1990, uma iniciativa de organização política nacional para a Musicoterapia possibilita a criação da UBAM (1995) e com ela, a chama de incentivos á pesquisa foi alimentada. O primeiro exemplar da *Revista Brasileira de Musicoterapia* data de 1996 e hoje ela completa dez anos com 8 números publicados. A manutenção de duas edições anuais não esbarra na falta de artigos, mas sim, na falta de uma política eficiente que a torne sustentável.

Voltando ao nosso contexto de pesquisas. A cidade de Porto Alegre, no ano de 2000, cedia o X Simpósio Brasileiro de Musicoterapia e I Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia. Nesse momento a Mt. Sylverlaine Celly Cabral realizou o I Levantamento Nacional de Pesquisa em Musicoterapia. O resultado de seu estudo revelou que muitos trabalhos tidos por seus autores como de pesquisa, na realidade, continham fragilidades metodológicas a partir do referencial adotado (CNPq). Esse incomodo contudo, por um lado motivou os musicoterapeutas no sentido de buscarem a continuidade na carreira acadêmica. A necessidade de qualificação do professor musicoterapeuta também foi um fator imprescindível para o desenvolvimento da carreira acadêmica nos anos seguintes.

No XI Simpósio Brasileiro de Musicoterapia e IV Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia, a realidade quantitativa deste aspecto da realização Pós-Graduações era muito diferente. A partir do trabalho da Comissão de Levantamento de Pesquisa da UBAM- CLP - UBAM /2003¹ verificou-se que o Brasil possuía três musicoterapeutas Mestres em Musicoterapia, e três doutoras, sendo duas em Musicoterapia. Entre essas um título de *notório saber em Musicoterapia*, conferido em março de 2003, pela Universidade Federal do Paraná, à Prof^a Clotilde Leinig. Doutorados em andamento eram seis; musicoterapeutas Mestres em outras áreas já eram vinte. Uma linha de pesquisa oferecida pelo Programa de Mestrado em Música da Universidade Federal de Goiás, denominada *Musicoterapia: convergências e aplicabilidades* chamava a atenção. Um dos grandes empecilhos para a formação do pesquisador musicoterapeuta, a falta de uma proposta de Mestrado em Musicoterapia no Brasil, mostra sinais de redução.

¹ Os resultados deste levantamento nacional de Pesquisas está publicado nos Anais do XI SBMT e IV ENPEMT, (PIAZZETTA, 2003).

O desenvolvimento da pesquisa em Musicoterapia alcança outros patamares, a falta de busca pela carreira acadêmica já foi superada. O que se apresenta então como desafios?

O V Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia (Rio de Janeiro, 2004), realizou-se independente de outros eventos de Musicoterapia. Algumas propostas, no sentido dos desafios a serem vencidos, foram apresentadas na conferência de abertura, *Para a construção de uma agenda nacional de pesquisa em musicoterapia*, proferida pelo Prof^o Dr. Marco Antônio Carvalho Santos. A idéia de se lançar 'uma agenda' foi de traçar metas a serem alcançadas de um evento para o outro. Uma assembléia de pesquisadores realizada neste evento definiu algumas estratégias e alguns passos importantes a serem dados.

- a necessidade de promover um intercâmbio mais efetivo entre os pesquisadores;
- fazer um Banco de Dados de pesquisas em musicoterapia no Brasil;
- fazer o Qualis² da Musicoterapia, levantamento das publicações, levantamento das pesquisas publicadas, levantamento dos locais onde se poderia publicar pesquisas de musicoterapia;
- recomenda-se a todos os pesquisadores a fazer o seu Currículo Lattes no CNPq;
- viabilizar uma página no portal da UBAM para a Pesquisa em musicoterapia, atualizada pela Comissão Científica da UBAM com instrumentos para pesquisadores;
- recomenda-se aos pesquisadores que estejam envolvidos com pesquisas com seres humanos, encaminhar seus projetos de pesquisas a Comitês de Ética cadastrados pelo Ministério da Saúde, segundo a resolução 196. (V ENPEMT, 2004)

Este nosso VI ENPEMT assim já começa com algumas destas metas em andamento e certamente no decorrer deste 12^o Simpósio Brasileiro elas poderão ser apreciadas por todos e novas metas serão traçadas.

Para encerrar, retomamos a questão da necessidade de uma formação *Stricto Sensu* em Musicoterapia no Brasil. A busca pelo desenvolvimento de uma carreira acadêmica já é um fato. Hoje, pelo banco de dados da Plataforma Lattes do

² Classificação de periódicos, anais, jornais e revistas. É uma base de dados disponível constantemente no sítio da CAPES e constitui importante fonte de informação para as diferentes áreas do conhecimento. A classificação é feita ou coordenada pelo representante de cada área e passa por processo anual de atualização. Os veículos de divulgação citados pelos programas de pós-graduação são enquadrados em categorias indicativas da qualidade - A, B ou C e do âmbito de circulação dos mesmos - local, nacional ou internacional. (<http://qualis.capes.gov.br>)

CNPq, ao buscarmos por Musicoterapia encontramos mais de 600 currículos. Isso contudo não significa que todos sejam pesquisadores em Musicoterapia. Alguns, são orientadores de pesquisas realizadas por musicoterapeutas, outros participaram de bancas de defesa de trabalhos acadêmicos desde a graduação até o doutorado, ou mesmo foram convidados a proferir palestras em eventos de Musicoterapia. Alguns se interessam pela pesquisa da relação da ser humano com a música. Também, entre esses currículos, é possível identificar que graduados em musicoterapia já alcançam o patamar de pesquisadores realizando 'livre docência'. Este é o patamar mais alto que o sistema permite registrar.

Ao falarmos da necessidade de se ter uma formação *Stricto Sensu* em Musicoterapia, queremos nos referir à formação do pesquisador musicoterapeuta, uma vez que, ser aceito em um programa de Pós-Graduação Mestrado ou Doutorado, em outras áreas, nem sempre permite que se estude a Musicoterapia mas as áreas correlatas. Isso também é muito importante e significativo, pois a Musicoterapia ao mesmo tempo em que precisa ser conhecida e desvelada, tem muito a oferecer.

Formar um pesquisador musicoterapeuta é um desafio. A construção do conhecimento na Musicoterapia insere-se em espaços relacionais de subjetividades; em espaços de relações triádicas – musicoterapeuta, música e cliente; em espaços de complexidades. As metodologias de pesquisa precisam ser construídas. O conhecimento construído nesses espaços de complexidades não é limitado ao mundo físico. Ele concebe esse mundo físico e transcende para além do espaço representacional, permitindo um conhecimento em constantes transformações e crescimentos. Que aspectos são então significativos para o perfil do pesquisador musicoterapeuta?

As palavras do Prof^o Dr. José Pedra durante o III Fórum Paranaense de Musicoterapia, podem ser úteis:

(...) toda a pesquisa deve começar com uma tomada de consciência, do pesquisador, em relação ao objeto de sua pesquisa. (...). O fato de escolher este objeto, definir este preciso problema, eleger este método e não outro não ocorre sem uma razão que, muitas vezes subjaz no inconsciente do pesquisador, mas está inevitavelmente ancorada em seus juízos prévios, em suas crenças, em suas pré-compreensões. Isto significa, em outras palavras, que toda pesquisa

revela, também, o mundo interior daquele que pesquisa, pois o pesquisar sempre será um projetar (PEDRA, 2001, p.15-16).

É importante relembrarmos a dimensão da construção metodológica necessária quando se faz pesquisa em Musicoterapia. Escolher um determinado método e segui-lo não acolhe as especificidades de nosso campo de estudo. O musicoterapeuta ao desenvolver pesquisa se depara com o incerto caminho de uma construção metodológica gerada passo a passo.

Se já podemos ocupar um lugar nesse universo da pesquisa, por muito tempo inalcançável para o musicoterapeuta, é prudente cuidarmos do pesquisador já na base da formação acadêmica, nas graduações. Não significa que o acadêmico de graduação tenha que realizar pesquisa, mas sim, que pelos programas de Iniciação Científica ele tenha a oportunidade de acompanhar um professor musicoterapeuta pesquisador.

Há vinte anos atrás, nosso maior entrave era a falta de oportunidades no campo das pós-graduações, não existia uma cultura em pesquisa. Hoje temos que incentivar e desenvolver centros e núcleos de pesquisa em Musicoterapia. Atualmente existem quatro grupos registrados no CNPq, dois formados por musicoterapeutas e dois por não musicoterapeutas.

Cuidar destes aspectos da manutenção e crescimento de uma cultura de pesquisa é também proporcionar um desenvolvimento efetivo de pesquisa em Musicoterapia e assim a construção de uma “Teoria própria da Musicoterapia”. Assim, podemos relembrar as palavras da Mt. Helen Bonny, durante o II Simpósio Mundial de Musicoterapia (New York University, 1982)

Os paradigmas cuidadosamente pesquisados que embasam a ciência médica, que é diariamente praticada e aceita pela nossa sociedade, não se tornam verdadeiros por si mas por um número de explicações (...) assim como o aventureiro que buscava um tesouro ao redor do mundo e acabou por encontrá-lo em seu quintal, podemos encontrar os diamantes que procuramos em nossa casa (BONNY, *apud*, BRANDALISE, 2001, p. 28).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Assembléia de Pesquisadores. Anais do V ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MUSICOTERAPIA. Rio de Janeiro: AMT-RJ, CD ROM, 2004.

BARCELLOS, Lia Rejane. Pesquisa em Musicoterapia. In Anais do II FÓRUM PARANAENSE DE MUSICOTERAPIA, *A Clínica Musicoterápica*. Curitiba: AMT-PR, 2000. p.14 – 23.

BRANDALISE, André. *Musicoterapia Musico-centrada*, Linda 120 sessões. São Paulo: Apontamentos, 2001.

CORREA, Cleo Monteiro França. O Papel do Musicoterapeuta na Investigação Científica. In Anais do I FÓRUM PAULISTA DE MUSICOTERAPIA. *Aplicações e efeitos da Musicoterapia no organismo humano*. São Paulo: Apemesp, 1999. p.11.

CUNHA, Rosemyriam. Pesquisa em Musicoterapia. In Anais do II FÓRUM PARANAENSE DE MUSICOTERAPIA, *A Clínica Musicoterápica*. Curitiba: AMT-PR, 2000. p.24 – 27.

LAPOUJADE Christiane & LECOURT, Edith. A pesquisa francesa em Musicoterapia. In *Revista Brasileira de Musicoterapia*. Rio de Janeiro: ano I número 1, 1996. p. 19 – 29.

PEDRA, José. A pesquisa em Musicoterapia: algumas considerações teóricas. In Anais do III FÓRUM PARANAENSE DE MUSICOTERAPIA. Curitiba: AMT-PR, 2001. p.13 – 18.

PIAZZETTA, Clara Márcia. Relatório final da CLP - UBAM 2003. In Anais do XI SIMPÓSIO BRASILEIRO DE MUSICOTERAPIA. Natal: CD Rom, 2003.

SANTOS, Marco Antônio Carvalho. Ética na pesquisa em Musicoterapia. In *Revista Brasileira De Musicoterapia*. Rio de Janeiro: ano IX, número 7, 2004. p.43 – 48.

INTERNET

www.cnpq.br

<http://qualis.capes.gov.br>